

ENTRE A NATUREZA E A LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DE O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ, NA PERSPECTIVA DA ECOCRÍTICA E DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA**BETWEEN NATURE AND LANGUAGE: AN ANALYSIS OF RACHEL DE QUEIROZ'S O QUINZE FROM THE PERSPECTIVE OF ECOCRITICISM AND HUMANISTIC GEOGRAPHY****ENTRE LA NATURALEZA Y EL LENGUAJE: UN ANÁLISIS DE O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ, DESDE LA PERSPECTIVA DE LA ECOCRÍTICA Y LA GEOGRAFÍA HUMANÍSTICA**

10.56238/revgeov16n5-288

Maria Vitória da Silva Lima

Graduada em Letras Português/Inglês

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: vitoria.silvalima@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7982-7140>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3553517060804700>**Josivaldo Custódio da Silva**

Pós-Doutor em Teoria da Literatura

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: josivaldo.silva@upe.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7187-5697>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3463794887444496>**RESUMO**

Desde os primórdios da literatura brasileira, um tema bastante abordado é o da natureza. Ao longo dos anos, o campo literário tem sido um espaço de representações das relações entre o ser humano e o ambiente que o cerca, especialmente a literatura do século XX que, por sua vez, é marcada por um caráter regionalista. De modo geral, o objetivo deste artigo foi analisar o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (2024), à luz da Ecocrítica, de Greg Garrard (2006), e da Geografia Humanística, com base nos estudos de Yi-Fu Tuan (1983; 2012). Utilizamos uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo exploratório e procedimentos bibliográficos. A análise é feita a partir do *corpus* composto por trechos da obra, em que o espaço assume papel simbólico, afetivo e narrativo, funcionando como agente de expulsão, sofrimento ou pertencimento. Com o estudo, percebemos que o sertão não é apenas um espaço natural da narrativa, mas trata-se de um personagem vivo, testemunha e vítima da ação humana. O sertão, por vezes inóspito, também é lugar de memória, resistência e esperança. Assim, o estudo evidencia como *O Quinze* denuncia as relações entre colapso ambiental e injustiça social e promove uma leitura crítica do espaço, lugar e sua relação com o ser humano.

Palavras-chave: *O Quinze*. Rachel de Queiroz. Meio Ambiente. Ecocrítica. Geografia Humanística.

ABSTRACT

Since the dawn of Brazilian literature, nature has been a frequently explored theme. Over the years, the literary field has been a space for representing the relationships between human beings and the surrounding environment, especially in 20th-century literature, which, in turn, is marked by regionalist character. In general, the aim of this article was to analyze the novel *O Quinze*, by Rachel de Queiroz (2024), in light of *Ecocritica*, by Greg Garrard (2006) and Humanistic Geography, based on the studies of Yi-Fu Tuan (1983; 2012). We used a qualitative approach, of a basic nature, with an exploratory objective and bibliographic procedures. The analysis is based on a *corpus* composed of excerpts from the work, in which space assumes a symbolic, affective, and narrative role, functioning as an agent of expulsion, suffering, or belonging. Through the study, we realized that the sertão is not merely a natural setting for the narrative but rather a living character, a witness, and a victim of human action. The sertão, sometimes inhospitable, is also a place of memory, resistance, and hope. Thus, the study highlights how *O Quinze* denounces the relationship between environmental collapse and social injustice and promotes a critical reading of space, place, and the human relationship with them.

Keywords: *O Quinze*. Rachel de Queiroz. Environment. Ecocriticism. Humanistic Geography.

RESUMEN

Desde los inicios de la literatura brasileña, un tema muy abordado es el de la naturaleza. A lo largo de los años, el campo literario ha sido un espacio de representaciones de las relaciones entre el ser humano y el entorno que lo rodea, especialmente la literatura del siglo XX, que, a su vez, se caracteriza por un carácter regionalista. En general, el objetivo de este artículo fue analizar la novela *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (2024), a la luz de la ecocrítica, de Greg Garrard (2006), y de la geografía humanística, basada en los estudios de Yi-Fu Tuan (1983; 2012). Utilizamos un enfoque cualitativo, de naturaleza básica, con fines exploratorios y procedimientos bibliográficos. El análisis se realiza a partir del corpus compuesto por fragmentos de la obra, en los que el espacio asume un papel simbólico, afectivo y narrativo, funcionando como agente de expulsión, sufrimiento o pertenencia. Con el estudio, nos dimos cuenta de que el sertón no es solo un espacio natural de la narrativa, sino que se trata de un personaje vivo, testigo y víctima de la acción humana. El sertón, a veces inhóspito, es también un lugar de memoria, resistencia y esperanza. Así, el estudio pone de manifiesto cómo *O Quinze* denuncia las relaciones entre el colapso medioambiental y la injusticia social y promueve una lectura crítica del espacio, el lugar y su relación con el ser humano.

Palabras clave: *O Quinze*. Rachel de Queiroz. Medio Ambiente. Ecocrítica. Geografía Humanística.



1 INTRODUÇÃO

Na Literatura Brasileira, um tema de destaque é o da natureza, inúmeras vezes abordando a relação do meio ambiente com o ser humano. Dessa forma, ao longo dos anos, o campo literário tem sido um espaço de diálogo entre o ser humano e o ambiente físico que o cerca, especialmente a produção literária do século XX que se destaca pelo forte apego aos aspectos de caráter regional. Essas relações frequentemente emergem com denúncias em forma de narrativas, poemas e textos dramáticos que refletem os impactos causados pela ação humana.

É nesse meio que a obra *O Quinze*, romance de estreia de um dos grandes nomes da literatura brasileira do período moderno, Rachel de Queiroz, que foi publicada em 1930, se insere com a temática de uma das piores secas do Ceará, a de 1915. Foi escrita por uma jovem de dezenove anos, que conseguiu construir uma narrativa de linguagem direta e sensível, com a intenção de denunciar os efeitos devastadores da seca no sertão nordestino que é reverberado até hoje, transcendendo os limites da denúncia social ao conseguir produzir imagens e sentidos que ainda hoje provocam reflexões sobre a degradação ambiental causada pelo comportamento humano. A obra é dividida em 26 capítulos curtos, numerados sequencialmente, sem títulos, o que contribui para uma leitura fluida e direta.

O Quinze não apenas possui um valor literário, mas também sociológico indiscutível, pois sua riqueza poética permite análises interdisciplinares ainda pouco exploradas. Entre as possibilidades de abordagem encontra-se a Ecocrítica, campo que possibilita um estudo sobre os modos de como a literatura representa e problematiza as diversas questões ambientais. Como observa Greg Garrard (2006), a Ecocrítica se propõe a investigar a relação entre o ambiente físico e o homem, questionando como os textos literários constroem imagens da terra, dos animais, da fauna, dos ciclos da natureza e, sobretudo, das intervenções humanas.

O objetivo geral do artigo é analisar o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, na perspectiva da Ecocrítica e da Geografia Humanística. Como objetivos específicos temos: conceituar a Ecocrítica e a Geografia Humanística; discutir como se apresentam no romance elementos da natureza e da Geografia Humanística; analisar como o sertão não é apenas um espaço natural da narrativa, mas trata-se de um personagem vivo, testemunha e vítima da ação humana.

Ademais, pretendemos investigar qual a proporção que a obra de Rachel de Queiroz traz, de forma antecipada, preocupações contemporâneas como a sustentabilidade ambiental e com os efeitos devastadores de mudanças climáticas impulsionadas a partir das preocupações ambientais que se intensificaram no final do século XX pela ação humana. A partir do momento em que a narrativa trata o sertão como personagem e dá voz à terra árida, aos animais famintos e aos retirantes, o livro revela um viés ecológico e sociológico que transcende os limites da denúncia social, fruto da ganância dos homens do poder, e adentra na ética ambiental. Como evidencia Garrard (2006), a literatura pode nos ajudar a imaginar novas formas de habitar o mundo de modo mais justo e menos destrutivo. Portanto,



a análise aqui proposta insere-se nesse contexto de pensar na literatura como espaço de denúncia diante da constante degradação ambiental.

Este artigo é dividido em quatro seções: a primeira é a introdução; a segunda seção compõe a fundamentação teórica, onde são abordados os principais conceitos da Ecocrítica e da Geografia Humanística. A terceira trata-se da descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na seleção e análise do *corpus*. A quarta seção é dedicada à análise e à discussão dos dados, na qual os principais trechos de *O Quinze* são interpretados à luz dos referenciais teóricos, e, por fim, temos as considerações finais.

2 BASES TEÓRICAS PARA UMA LEITURA ECO-HUMANISTA DE *O QUINZE*

A obra *O Quinze* é considerada como um marco na literatura brasileira por retratar, com crítica e sensibilidade social, os efeitos da seca de 1915 no sertão nordestino. Embora, costumeiramente muito analisada a partir de perspectivas sociológicas e regionais, essa narrativa também pode ser interpretada por um viés que dialoga com a crise ambiental contemporânea e as diversas formas pelas quais a literatura representa a relação entre os seres humanos e a terra.

Desse modo, aqui a Ecocrítica surge como uma abordagem teórica que permite compreender o espaço natural, especialmente em situações de colapso, as consequências da seca, por exemplo, que ultrapassa o lugar de cenário, podendo ser sujeito ativo na narrativa literária, conforme descreve Garrard (2006).

Concomitantemente, a Geografia Humanística, sobretudo através de Yi-Fu Tuan (1983), oferece conceitos importantes para compreender de que forma o espaço vivido, como o sertão presente na obra, é carregado de afetos, tensões e identidades. A paisagem de pura seca que é descrita no romance em análise, mostra como um território de deslocamento e resistência, permite ao leitor uma visão sensível das experiências humanas em meio à catástrofe ambiental tão severa que foi a seca de 1915.

Assim, este artigo parte da relação entre Ecocrítica e Geografia Humanística para investigar como *O Quinze* possui uma narrativa da seca, podendo ser analisada por tropos das teorias que se fazem presente ao longo do artigo.

2.1 ECOCRÍTICA: A NATUREZA COMO AGENTE LITERÁRIO

A Ecocrítica, como teoria de estudos literários e culturais, vem ganhando espaço no âmbito acadêmico, ao propor uma leitura de obras a partir da relação entre o ser humano com o meio ambiente. Segundo Garrard (2006), ela tem como foco central a forma como o discurso cultural representa a natureza, os espaços e os impactos ecológicos das ações humanas.



O que é a ecocrítica então? A ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista faz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra. (Glotfelty apud Garrard, 2006, p. 14).

Portanto, é uma abordagem de cunho político e ideológico, que não apenas investiga como a natureza é representada nos textos literários, mas se posiciona de forma crítica diante das questões ecológicas, sobretudo da ação humana no meio ambiente, e as degradações que são ocasionadas pelo homem a partir de sua ganância e busca pelo desenvolvimento sem a devida preocupação com a destruição do espaço natural. De acordo com Gifford:

A ecocrítica, enquanto movimento relativamente novo nos estudos culturais, tem estado extraordinariamente livre de crítica teórica interna. Tem havido debates sobre ênfases e lacunas, mas isso não desafiou diretamente as posições de quem originou o movimento. Ao contrário, esses debates apontam para novas direções para a pesquisa em campos variados: ecofeminismo, textos tóxicos, natureza urbana, darwinismo, literaturas étnicas, justiça ambiental e ambientes virtuais, por exemplo. (Gifford, 2009, p. 244).

Aqui, neste estudo, a Ecocrítica permite analisar a seca e o sertão, não como pretexto para as ações humanas, mas vistos como agentes ativos dentro da obra, que sofrem e revidam, provocando transformações cruciais dentro da narrativa, como a luta pela sobrevivência.

O surgimento da Ecocrítica se deu em meio à intensificação das crises ecológicas, e o seu objeto de estudo culminou na necessidade de aprofundamento das relações entre “o humano e o não-humano”, conforme aponta Garrard (2006, p. 16):

Aliás, a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo “humano”.

Dessa forma, a Ecocrítica ultrapassa uma abordagem temática da natureza dentro da literatura, ela trata de uma leitura ecológica da representação do ambiente devido às urgências atuais, como o antropoceno a época geológica atual e que vemos em todo o mundo a consequência da ação humana; portanto, problemas ecológicos socialmente construídos. Esse tipo de leitura do texto literário culmina num espaço de reflexão sobre os modos atuais de vida e as consequências disso para o futuro do planeta, bem como refletir como a vida poder-se-á acabar.

Para os críticos, o texto fundador do ambientalismo moderno é a obra *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson (2010), publicada em 1962. Nesta obra, a autora denuncia o uso de “[...] pesticidas orgânicos, como o DTT, a aldrina e a dieldrina, introduzidos depois da Segunda Guerra Mundial [...]”, o que causou muitas polêmicas entre governo e empresas de agrotóxicos, conforme cita Garrard (2006, p. 13). Esses pesticidas não apenas devastam a natureza, como também contaminam as pessoas,



causando doenças graves, inclusive com contaminação do feto no útero materno. Para Lopes e Albuquerque (2018, p. 519) “A utilização em massa de agrotóxicos na agricultura se inicia na década de 1950, nos Estados Unidos, com a chamada ‘Revolução Verde’, que teria o intuito de modernizar a agricultura e aumentar sua produtividade.” Tal utilização de agrotóxicos pode causar problemas sérios ao meio ambiente e à saúde humana, conforme comentam Dutra et al (2020, p. 1019) “Os efeitos toxicológicos dos poluentes ambientais podem desempenhar um papel importante na etiologia de várias doenças em humanos.”, dentre elas, “o desenvolvimento do câncer, promovendo o início da enfermidade.”

Com tropos como gênese, pastoral, mundo natural, poluição, apocalipse, entre outros, e, a partir de um discurso metafórico e com figuras de linguagem, os textos literários transmitem significados além do sentido literal, e, dessa forma, o discurso ecocritico também se mostra na linguagem conotativa, influenciando a nossa percepção do mundo e da natureza a partir da ação humana contra ela. É através desses tropos, como os da pastoral e do apocalipse, que a obra *O Quinze* será interpretada, pois

A literatura apocalíptica assume a forma de uma revelação do fim da história. Imagens violentas e grotescas justapõem-se a vislumbres de um mundo transformado; o tema subjacente costuma ser uma luta titânica entre o bem e o mal [...]. O apocalíptico foi descrito como um gênero nascido da crise, destinado a enrijecer a determinação de comunidades preparadas para a batalha, acenando-lhes com a visão de uma libertação súbita e permanente do seu cativeiro. (Thompson apud Garrard, 2006, p. 124).

Esse tropo é perceptível em *O Quinze*, que retrata a destruição de vida no sertão, uma seca que parece infundável, e mesmo quando chega ao fim, os resquícios remontam àquela realidade que virá novamente. Nesse contexto, os retirantes em meio ao caos, revelam um comportamento marcado pela ganância, agindo sob condições que os levam a negligenciar a vida do outro em prol do dinheiro. Através desse cenário, o apocalipse se prolifera, em meio a atitudes desumanas, a natureza dá o troco e vemos o cenário apocalíptico acontecer.

Por outro lado, a pastoral é um dos tropos centrais para compreender como a literatura representa a natureza, o tropo refere-se à idealização da natureza como um espaço de harmonia, capaz de restaurar o equilíbrio de tudo, propondo um retorno à simplicidade e ao ambiente bucólico. De acordo com Garrard (2006, p. 85)

É possível que um dos refúgios pastoris contemporâneos esteja no próprio discurso da ecologia. Na raiz da pastoral está a ideia da natureza como um contraponto estável e duradouro à energia e à mudança disruptivas das sociedades humanas.

Ainda segundo Garrard, também há uma idealização demasiada em alguns pontos de vista, e isso acaba maquiando a realidade vivenciada de fato, pois



Essa metáfora da natureza como máquina harmoniosa e estável continuou no cerne da nova ciência da ecologia [...]. Nessa situação devemos usar a ecologia contemporânea para criticar uma retórica supostamente ‘ecológica’ que se baseia em modelos científicos ultrapassados e mal compreendidos. (Garrard, 2006, p. 85).

Logo, o cenário de *O Quinze* apresenta um ambiente bucólico com a chegada da chuva, mas ainda com vestígios da seca que se alastrou; assim, a desconstrução da pastoral permite à Ecocrítica denunciar o uso instrumental da natureza como símbolo de regeneração, e de mostrar o que de fato é, pois quando o ambiente natural é destruído surgem com isso as consequências. No caso da obra não há uma idealização da terra, mas uma exposição do que a ação humana pode provocar no ambiente.

2.2 GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: AFETOS, LUGARES E ESPAÇOS

A Geografia Humanística propõe uma abordagem do espaço que nos ajuda a entender de que forma o homem se aproxima e se distancia do ambiente. Yi-Fu Tuan, precursor dessa abordagem, introduziu os conceitos de **topofilia** e **topofobia** para descrever os vínculos emocionais que estabelecemos com os lugares. Dessa forma, segundo o pensamento de Tuan, sob a leitura de Sarmento e Moura podemos entender que: “Topofilia remete à familiaridade, apego ao lugar - já que *topo* denota lugar e *filia* refere-se à filiação e topofobia que traz uma significação inversa, haja vista que *fobia* alude à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância.” (Sarmento e Moura, 2022, p. 78). De acordo com Tuan (2012), a topofilia, nesse sentido, representa o elo positivo entre o sujeito e o espaço, um vínculo de pertencimento, identidade e memória. Já a topofobia, ao contrário, refere-se à rejeição ou medo diante de determinado lugar, causado por diversos fatores como a seca ou desastres naturais, por exemplo.

Esses conceitos são muito úteis para interpretar obras literárias em que o espaço natural não é apenas cenário, mas condiciona as emoções, escolhas e ações das personagens. É o caso de *O Quinze*, no qual o sertão nordestino se apresenta como uma paisagem ambígua: ou é espaço de pertencimento e resistência, ou se torna território de dor e expulsão, marcado pela seca extrema. Nessa perspectiva, a seca é personagem, e devolve aquilo que a ela foi oferecido pelos humanos, ou seja, nada de bom, somente exploração e poluição.

Tuan ressalta que lugares provocam emoções não apenas pela sua configuração física, mas pelo modo como são vividos, narrados e lembrados. Essa compreensão permite relacionar os estudos da geografia com a análise literária, pois, nas palavras de Tuan (2012, p. 16): “Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura”. Essa percepção do espaço faz com que a construção de lugar esteja intimamente associada à formação de identidade e afetividade pelo espaço.

A Geografia Humanística, ao dar ênfase à dimensão afetiva do espaço, torna possível a interpretação dessas oscilações entre apego e/ou rejeição, pertencimento e/ou expulsão. A seca na obra



é, nesse sentido, mais do que uma catástrofe natural: é um agente de deslocamento, que altera a forma como os personagens se relacionam com o espaço, com o tempo e com sua própria identidade.

Tuan (1983, p. 39) afirma que “Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo e atribuir valores às suas partes e medi-las”. No contexto da obra *O Quinze*, essa concepção é fundamental para compreender o sertão como um espaço socialmente construído e afetivamente vivenciado. Para cada um dos personagens na narrativa o sertão possui um valor simbólico, como o de pertencer para Vicente ou o de fugir para Chico Bento. É através da percepção de Tuan que entendemos que não há um espaço universal, mas existem múltiplos significados atribuídos a ele, de acordo com as condições sociais e culturais das pessoas que ali vivem. Dessa forma, o espaço vivido é resultado da maneira como os sujeitos se relacionam com ele resultando na rejeição ou na pertença. De acordo com o precursor da Geografia Humanística:

Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (Tuan, 2012, p. 127-128).

Assim, a memória, o hábito e o pertencimento contribuem para a formação do espaço como lugar, ou seja, como um ambiente significativo. Apesar da terra devolver aos habitantes o que a ela é oferecido, para muitos personagens deixar o sertão é como romper com sua própria identidade, pois não se trata apenas de sair da fome. Isso mostra a relação de apego, ou seja, a topofilia com espaço que já é lugar.

As pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus vários defeitos, não é vista em todas as partes como morada final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra. (Tuan, 2012, p. 153).

Rachel de Queiroz evidencia na sua obra que a percepção de espaço não é neutra, e através de Tuan percebemos isso, pois a paisagem pode ser vivenciada de forma sensível e simbólica que está ligada diretamente à experiência emocional afetiva das pessoas, mesmo que para alguns personagens o sertão seja sinônimo de repulsa e topofobia, para outras o vínculo afetivo é maior e esse apego torna-se topofílico. Yi-Fu traz essa relação ligada ao emocional quando evidencia que:

Certos aspectos da natureza desafiam o controle humano fácil: são as montanhas, desertos e mares. Eles constituem, por assim dizer, elementos permanentes no mundo do homem, quer ele goste ou não. A tendência do homem tem sido de responder emocionalmente a esses aspectos recalcitrantes da natureza, tratando-os, em uma época, como sublime, como a



abóboda dos deuses e em outra, como feio, desagradável, como a abóboda dos demônios. (Tuan, 2012, p. 97).

Segundo Tuan (2012 p. 325) “O indivíduo transcende a influência penetrante da cultura. Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo, a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil”. É a desigualdade que amplia o sentimento de abandono, já que cada pessoa tem sua própria visão e essa visão é diferente em diversos personagens graças a diferença econômica, gerando a topofobia, a sensação de não pertencer, de repugnância, assim, o sertão como personagem da obra escancara a desigualdade social e o abandono das autoridades, com as pessoas de baixo poder aquisitivo evidenciando como o ser humano maltrata quem é de sua própria espécie e menospreza a terra e ela apenas retribui.

3 METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo exploratório e procedimentos bibliográficos, e analisa *O Quinze*, tendo como *corpus* de análise trechos da narrativa que apresentam elementos da natureza e sua relação como o humano, sob a ótica da Ecocrítica e da Geografia Humanística.

Partindo da compreensão de que o texto literário é uma construção simbólica e ideológica ele não só reflete, mas traz uma visão reconfigurada do mundo, buscamos investigar como os espaços naturais e conflitos sociais representados no romance dialogam com as questões ambientais afetivas e identitárias, de aproximação ou distanciamento do homem em relação ao ambiente. A análise fundamenta-se nos estudos de Greg Garrard (2006), sobre a Ecocrítica, e de Yi-Fu Tuan (1983; 2012), expoente da Geografia Humanística.

A escolha da obra *O Quinze* como base da pesquisa é justificado tanto por seu valor literário quanto por seu potencial de análise no campo dos estudos ambientais. Publicado em 1930, o romance retrata os impactos da seca de 1915 no sertão cearense, apresentando um enredo que articula personagens de diferentes contextos sociais e suas relações afetivas com o lugar que vivem, sejam elas positivas ou negativas.

O método de análise adotado é a análise textual interpretativa, centrada em trechos significativos da obra que representem a relação entre os personagens e o meio ambiente. A seleção dos excertos foi guiada por sua relevância em termos descritivos da paisagem, construção do espaço e reações afetivas ao ambiente natural e social. Esses trechos foram confrontados com os conceitos teóricos supracitados, em um movimento de leitura que busca evidenciar como a literatura pode não apenas refletir a crise ambiental, mas também mostrar como a natureza explorada, devolve aquilo que é a ela oferecido.



Além disso, o artigo também se apoia nos pressupostos da literatura como ferramenta interdisciplinar, que compreende a obra literária como ponto de convergência de saberes diversos, nesse caso, a ecologia, geografia, história social e a crítica cultural. A análise não se limita apenas na verificação de temas ambientais no romance, mas procura identificar imagens e afetos que constroem uma percepção complexa do sertão e da condição do ser humano diante de um colapso ambiental.

4 A TERRA COMO TESTEMUNHA: DISCURSOS AMBIENTAIS EM *O QUINZE*

O romance *O Quinze*, Rachel de Queiroz, retrata um problema presente no sertão do Ceará: a seca, e não é qualquer uma, a de 1915, uma das piores de toda a história.

Através dessa problemática, surgem diversas outras questões, pois ao narrar a desintegração da vida sertaneja diante da escassez de água e a ausência de políticas públicas eficazes, a obra revela a falta de consciência ecológica e social. Ao longo da narrativa, personagens como Vicente e Conceição, e também os retirantes como Chico Bento e sua família, vivenciam a degradação do sertão e as más condições na cidade para os retirantes.

O descaso governamental com os retirantes do sertão é algo muito apontado na obra: vidas se vão e não há mudanças para sanar aquele caos. Durante a seca de 1915, surgiu o primeiro campo de concentração, como é tratado pela autora. Este local serve de abrigo para os retirantes, abrigo este que é um amontoado de pessoas sem comida e sem nenhuma condição digna de viver.

Em um quadrilátero de quinhentos metros de face estavam encurralados cerca de sete mil retirantes. Percorri todos os departamentos daquele depósito de seres humanos. Abrigavam-se à sombra de velhos cajueiros. Via-se aqui e ali, uma ou outra barraquinha coberta de esteira ou de estopa, mas tão miserável era a coberta que não impedia que a atravessassem os raios de sol. A cozinha era também ao tempo. Em algumas dúzias de latas, que haviam sido de querosene, ferviam em tremes de pedra grandes nacos de carne de boi, misturados a maxixes, quiabos e tomates. Achei esquisitas as verduras e mais ainda os tomates. (Lima, 2022, p. 162).

Essa descrição do campo de concentração mostra o quanto deplorável era a situação a qual os retirantes eram submetidos, com comidas impróprias para consumo e um espaço pequeno para abrigar tanta gente, e conforme chegava mais, simplesmente eram amontoados um em cima do outro.

A descrição recorrente da aridez e da estagnação da paisagem reforça a dimensão ambiental da crise. Todavia, mais do que denunciar uma realidade climática, Rachel de Queiroz constrói uma narrativa em que o espaço molda subjetividades e desestabiliza estruturas sociais. Essa leitura permite aplicar os tropos centrais da Ecocrítica como o apocalipse e a pastoral, bem como os conceitos de topofilia e topofobia, oriundos da Geografia Humanística, para compreender as diferentes formas de se habitar, rejeitar ou resistir ao espaço sertanejo. Neste artigo, analisaremos a forma que esses elementos se articulam à obra, evidenciando o papel da natureza e as relações com o ser humano.



4.1 O SERTÃO É O SUJEITO DA NARRATIVA

A leitura de *O Quinze* sob a perspectiva da Ecocrítica permite retirar o foco da análise literária tradicional, que geralmente é centrada nos personagens humanos ou em questões sociais, e observar a maneira como a natureza é construída como um elemento ativo na história.

A paisagem sertaneja descrita no romance pela jovem escritora não se limita a ser um cenário que só está ali compondo a história. Ao contrário, ela age sobre os personagens, impõe escolhas, molda afetos e define os destinos daquelas pessoas que vivem nele. Trata-se de uma natureza narrativa que, em sua brutalidade, fome e sede, se torna também personagem, exercendo função estruturante e indispensável no enredo.

Segundo Garrard (2006, p.250) “A ecocrítica concerne, essencialmente, à demarcação entre natureza e cultura, sua construção e reconstrução.”, portanto, ela busca compreender como as representações literárias da natureza estão ligadas a formas culturais de compreender, explorar ou resistir ao meio ambiente, tudo isso junto aos tropos interpretativos.

Essa proposta se confirma na leitura de *O Quinze*, especialmente ao considerarmos que a seca é apresentada como um colapso ecológico e humano que está acontecendo ao mesmo tempo. O sertão, esvaziado de vida e água, impõe às personagens a precariedade como condição existencial.

Desde as primeiras páginas do romance, a escritora constrói uma imagem devastadora da terra. A descrição da paisagem, marcada por uma seca quase total, já revela a amplitude de uma catástrofe ambiental que a narrativa irá abordar, conforme observamos no trecho a seguir:

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado. [...] só algum juazeiro ainda escapou à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas. E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos. (Queiroz, 2024, p. 23-24).

Não se trata de uma paisagem “bonita”, nem de um fundo estático, isto é, que se trata apenas do cenário da história, ao contrário, há aqui uma presença que molda o tempo narrativo e psicológico. A ausência de água e a fragilidade da vegetação não apenas produzem fome e sede, mas afetam profundamente os vínculos humanos e os modos de vida construídos em torno da terra, que pede socorro.

Essa perspectiva permite uma aproximação com a noção de que a natureza, na literatura, pode ser uma entidade que resiste à dominação e escancara as fragilidades das sociedades humanas. Garrard (2006) propõe que a natureza, é muitas vezes, figurada na cultura como uma entidade em crise, que denuncia os limites de nossos modelos civilizatórios, o que consiste no apocalipse, que aparece de forma evidenciada no trecho supracitado.



Além disso, ao articular essa leitura com os pressupostos da Geografia Humanística, a partir de Tuan (2012), percebemos que a natureza na obra não é apenas um conjunto de elementos físicos, trata de um território de afetos. A seca não age de maneira neutra: ela transforma os sentimentos dos personagens, sua percepção do espaço, seu modo de habitar o mundo. A relação com o sertão se dá entre o apego e a repulsa, o que remete diretamente às categorias de topofilia e topofobia.

Debaixo de um juazeiro grande, todo um bando de retirantes se arranchava: uma velha, dois homens, uma mulher nova, algumas crianças. O sol, no céu marcava onze horas [...]. Em toda a extensão da vista, nem uma outra árvore surgia. Só aquele velho juazeiro, devastado e espinhento, verdejava a copa hospitaleira na desolação cor de cinza da paisagem. (Queiroz, 2024, p. 48).

Aqui o juazeiro se mostra como um ponto de equilíbrio entre todo o resto, mostra como o cenário é o ponto central do romance, pois é através dele que toda a cena é moldada, onde apesar de uma aridez tremenda, há resquícios de esperança com o juazeiro ainda esverdeado. É uma forma de mostrar a resistência do sertão e transmitir também aos retirantes essa mensagem de persistência.

Em redor deles, a eterna paisagem sertaneja de verão: cinza e fogo... E o sol que se punha parecia mais próximo, mais quente, queimando cada vez mais forte a pobre terra calcinada. O que desolava Vicente, o que enchia seu coração enérgico de um infinito desânimo, era a triste certeza da inutilidade do seu esforço. [...] o labor corajoso endurecera, as reses caídas de fraqueza e de sede. (Queiroz, 2024, p. 125).

Nesse trecho, o narrador ultrapassa uma visão de plano de fundo do sertão, pois ele se torna um agente que modela as emoções, a resistência e o sofrimento humano, é graças ao espaço que as emoções existem e são evidenciadas. Segundo Tuan (1983) o lugar é construído a partir da experiência que é sempre pessoal e carregada de emoção. Através dessa visão podemos verificar a forma de topofobia, mas mesmo com as suas emoções sendo moldadas pelo cenário Vicente persiste na permanência.

A descrição da paisagem como “cinza e fogo”, e da presença do sol que “parecia mais próximo” compõe uma visão de colapso, culminando no apocalipse de Garrard e topofobia de Tuan, onde é o ambiente que dissolve os laços afetivos e intensifica a ideia de não pertencimento, marco da topofobia. Assim é importante observarmos como esse processo é atravessado por dimensões sociais, em que a seca é a resposta do ambiente a uma negligência política, isso se alinha a Ecocrítica que denuncia a degradação causada pelo homem a natureza.

Enfim caiu a primeira chuva de dezembro. Dona Inácia, agarrada ao rosário, de mãos postas, suplicava a todos os santos que aquilo fosse “um bom começo”. Conceição, comovida, pálida, de lábios apertados, a testa encostada ao vidro da janela, acompanhava a queda da água no calçamento empoeirado, o lento gotejar das biqueiras e de um jacaré da casa defronte, que deixava escorrer pequenos riachos por entre os dentes de zinco. Na solenidade do momento, ninguém se movia nem falava. Só a Maria, a preta velha da cozinha, irrompeu pelo corredor,



acocorou-se a um canto e engulhando lágrimas e mastigando rezas, resmungava: — O inverno! Senhor São José, o inverno! Benza-o Deus!. (Queiroz, 2024, p. 139).

O início da chuva depois de um longo período de seca, sofrimento e intenso deslocamento. A chuva aqui não se trata de apenas um evento meteorológico, mas está condicionado às questões emocionais, novamente extrapolando a ideia de cenário estático. A chegada da tão esperada, chuva desperta lágrimas, provoca a topofilia novamente e o ambiente bucólico presente na pastoral. Contudo, apesar dessa felicidade que invade os personagens, o cenário ainda remonta ao que passou ou que retornará:

Mas a triste realidade duramente ainda recordava a seca. Passo a passo, na babugem macia, carcaças sujas maculavam a verdura. Reses famintas, esquálidas, magoavam o focinho no chão áspero, que o mato ainda tão curto mal cobria, procurando em vão apanhar nos dentes os brotos pequeninos. E à porta das taperas, as criancinhas que brincavam e acorriam em grupos curiosos, à vista da cadeirinha, ainda tinham a marca da fome tristemente gravada nos pequeninos rostos ossudos, dum amarelo de enxofre. Carecia esperar que o feijão grelasse, enramasse, floresasse, que o milho abrisse as palmas, estendesse o pendão, bonecasse, e lentamente endurecesse o caroço; e que ainda por muitos meses a mandioca aprofundasse na terra as raízes negras... Tudo isso era vagaroso, e ainda tinham que sofrer vários meses de fome. (Queiroz, 2024, p. 151).

Mesmo que a chuva estivesse presente, o cenário ainda é palco para a seca, em que seus vestígios ainda são presentes. O sertão continua sendo, mesmo que temporariamente, um espaço de dor, escassez e memória do sofrimento que ainda perdura. Nesse trecho, a natureza ainda não se recompôs e, mesmo que o cenário apareça renovado ainda remonta a topofobia e ao apocalipse, como lugar associado à repulsa, à fome. Além disso, a forma como a vegetação é apresentada mostra uma esperança lenta, um tempo da terra que não acompanha o desespero do corpo humano, o que cria um contraste entre o tempo da natureza e a urgência da humanidade, isso mostra a superioridade da natureza e sua maestria de reconstrução.

4.2 A SECA COMO UM RESULTADO DAS AÇÕES HUMANAS E A RESPOSTA DA TERRA

Em *O Quinze*, a autora retrata a seca não como um fenômeno natural aleatório, mas como um acontecimento que revela as falhas profundas das pessoas com o meio ambiente, especialmente daquela região. A falta de água é algo visível, mas seu impacto devastador se deve, sobretudo, à ausência de políticas públicas, à concentração de terras e à indiferença dos mais ricos e à má relação do homem como agente transformador de cenários.

A paisagem devastada do sertão é evidência de escolhas humanas, ou da recusa em agir. A natureza, ao secar, apenas expõe ainda mais a desigualdade, devolvendo à sociedade o abandono com que ela mesma tratou seu povo e o ambiente. Assim, a natureza, que inicialmente parece ser a vilã, revela-se, na verdade, como espelho e consequência da ação e/ou da omissão humana.



[...] Agora, ao Chico Bento, como único recurso só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar com fome, enquanto a seca durasse. [...] – Como se foi Chico? Trouxe o dinheiro das passagens? – Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos! (Queiroz, 2024, p. 41).

A seca funciona como um espelho da injustiça. Os pobres, como Chico Bento e sua família, são os primeiros e também os mais atingidos. Sem nenhum recurso, são forçados a abandonar suas terras, seus laços e sua dignidade, caminhando para os centros urbanos em busca de sobrevivência. Mas nem o caminho nem o destino, muito menos, as pessoas oferecem acolhimento. São tratados como ameaça, como peso, como objetos descartáveis, sem valor, simplesmente largados no sol e na fome extrema, num verdadeiro apocalipse.

Garrard (2006) afirma que uma das funções centrais da Ecocrítica é compreender como as narrativas literárias constroem discursos que refletem ou questionam a relação entre homem e ambiente. Segundo autor, a Ecocrítica discute os efeitos da separação e da tentativa de domínio da cultura sobre a natureza, problematizando tanto os discursos de idealização quanto os de destruição. No caso da obra, a seca deixa transparecer não só uma crise ecológica, mas também uma crise social e política, que só é causada por causa das pessoas.

Lá se tinha ficado Josías, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz e dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. Cordulina queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, chorando de fome, brigando com os outros. (Queiroz, 2024, p. 71).

No trecho, a cearense escancara a violência estrutural da fome e da migração forçada. Os retirantes não são vítimas da natureza, mas são vítimas da negligência humana, dona Maroca, com muito dinheiro, não esperou um mês sequer para Chico organizar sua família, disse que eles poderiam ficar, mas sem trabalho, ou seja, sem comida. O vendedor de passagens, mesmo com a obrigação de ofertar ou vender, não fez isso. É como se eles não existissem ou fossem invisíveis, a tal ponto de ninguém se importar com a vida deles. Não é só o ambiente que os obriga a se mudarem, mas também as pessoas egoísticas que não se importam com nada nem ninguém além deles mesmos.

Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança; Outras reses seguiam cabibaixas, na mesma marcha pensativa; O marmeiral esquelético, era tudo cinzento, o próprio leito das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida;

— Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (Queiroz, 2024, p. 30).

Enquanto isso, os ricos, mesmo diante do sofrimento generalizado, mantêm seus privilégios e proteções. A elite urbana, representada por personagens como Dona Maroca, vive o drama da seca à



distância, com incômodo, mas não com fome. Sua posição permite-lhe isolar-se da dor e negar o contato com a realidade. Em vez de compaixão, o que prevalece é o medo de contágio, o desejo de manter distância da miséria, evidenciando a topofobia e o apocalipse.

[...] Minha tia resolveu que, não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser fique nas aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do comadre amigo... (Queiroz, 2024, p 31).

Aqui, a ideia de topofobia, proposta por Tuan (2012), se expande do espaço físico para o social. O medo, o nojo e a rejeição não recaem sobre o sertão enquanto geografia, mas sobre os sujeitos que ele expulsa, convertendo em ameaça à ordem urbana e burguesa. O espaço sertanejo, então, torna-se não só inabitável devido às condições climáticas, mas, também socialmente estigmatizado, de uma forma muito perceptível, preconceituosa e abominável.

Os retirantes em busca de algo melhor deslocam-se para a cidade, ao chegarem lá encontram uma realidade semelhante ao que estavam vivendo.

— Tolice! Mas vamos falar noutra coisa? Ande, conte o que há de novo no sertão! — Contar o quê? História de seca? Diz que um negro lá pras bandas de Morada Nova matou um menino, salgou, e ficou comendo os pedaços, aos poucos. Dona Inácia pôs as mãos, horrorizada. Conceição olhou-o com espanto: — Deveras? — Contam... E você tem visto muito horror, no Campo de Concentração? — Coisas medonhas! Mas ainda não vi se comer gente, não... Vicente contava agora a história de uma mulher conhecida que endoidecera, quando viu os filhos morrendo à falta de comida. Dona Inácia observou: — Talvez tenha enlouquecido também de fome. Fome demais tira o juízo. (Queiroz, 2024, p. 84).

O campo de concentração é o lugar onde são despejados os retirantes, sem mínimas condições de sobrevivência, o que transparece ainda mais o descaso da população com as vidas. Eles não são vistos como pessoas, mas como animais que precisam ficar isolados da sociedade para não contaminar a população ou saírem de um lugar topofóbico, em busca de pertencimento acabam encontrando outro ambiente apocalíptico, segundo Tuan (1983) o espaço deixa de ser lugar quando perde seu valor simbólico e afetivo. Com isso a busca por esse ambiente nunca chega, pois há sempre uma ruptura com as idealizações do lugar de pertença, paz e abundância para Chico Bento e sua família, pois ainda há sofrimento mesmo depois da chegada ao campo de concentração.

Por outro lado, personagens como Vicente estabelecem uma relação de resistência com a terra. O seu apego ao sertão, mesmo em meio ao total colapso que, por sua vez, é apocalíptico, só mostra o conceito de topofilia definido por Tuan (2012). De fato, um verdadeiro vínculo de amor e pertencimento ao lugar. Vicente não idealiza a terra, nem mesmo ignora sua dureza; ele a enfrenta, porque nela estão inscritos seus afetos, sua história e sua identidade:



Todo dia a cavalo, trabalhando alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele. (Queiroz, 2024, p. 26).

Esse gesto de permanência não é ingênuo, muito menos romântico. É uma escolha ética e simbólica, que contrasta com a indiferença dos que têm meios para se proteger e ignorar a crise. Garrard (2006) alerta que uma das críticas fundamentais ao modelo pastoral idealizado, é daquele que vê o campo como refúgio puro e harmonioso, é justamente sua incapacidade de lidar com as tensões e contradições reais do ambiente, assim como é Vicente no texto. No romance *O Quinze*, ao desmontar esse ideal, oferece uma narrativa que expõe tanto o colapso ambiental quanto o fracasso social diante desse colapso ao qual o sertão encontra-se.

— E no Logradouro? — Tudo na mesma... A casa fechada como deixaram, o açude secando...
— E o seu gado? — Vai-se salvando... Mas dá um trabalho medonho! Toda noite, cinco, seis homens dormindo no alpendre para levantarem as reses caídas... A velha sacudiu a cabeça, admirada: — E você não desiste! Ainda não pensou em retirar para a serra, ou fazer como a Maroca, soltar e deixar morrer? Vicente ergueu-se, meio exaltado: — Não, senhora! Nem que eu me acabe, e perca tudo de meu comprando caroço, não solto nenhum! Já comecei, termino! A seca também tem fim... (Queiroz, 2024, p. 81).

Esse diálogo expõe o apego e o conceito de topofilia defendido por Tuan (2012), pois mesmo diante do colapso, o logradouro continua sendo para Vicente um território de valor. Também sob o viés ecocritico a ação de Vicente se configura dentro da pastoral, ao romper com a visão de fuga de um ambiente que remete ao apocalipse, sua permanência é um ato de resistência e apego a terra.

Em *O Quinze*, a escritora constrói uma narrativa marcada pelo sentimento e pela memória da seca, que sempre aparece como herança ou trauma. Segundo Garrard (2006, p. 134) “A população sempre aumentará até o ponto em que a miséria e o vício a detenham”. A grande seca de 1915 não é uma tragédia isolada, parte da negligência e abandono. A consciência do passado, assim estrutura a narrativa, pois os momentos em que houve chuva tomam conta dos personagens e evidencia o amor pelo lugar, pois

A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauis esverdeados, dum sujo tom de azinhavre líquido, onde as folhas verdes das pacaviras emergiam, e boiavam os verdes círculos de aguapé, enchiam os barreiros que marginavam os caminhos. Insetos cor de folha — esperanças — saltavam sobre a rama. E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança. (Queiroz, 2024, p. 151).

Assim, a capacidade de renascer da paisagem, reforça a ideia da natureza como agente de resistência; é símbolo de esperança após o evento apocalíptico da seca, um lugar topofílico, mas que se enraíza pelo apego ao passado, tendo como mensagem a confiança de que a paisagem edênica



voltará com as lágrimas da natureza – a chuva – que momentaneamente acalmará o sofrimento dos oprimidos e desafortunados.

Ademais, a paisagem seca do sertão, assim como é construída por Rachel de Queiroz, não é uma consequência inevitável da natureza, mas uma resposta da terra a um modelo social excludente, marcado pela concentração de terra na mão de poucos, pela falta de políticas públicas para as pessoas que precisam e pela negligência histórica com as populações rurais, sobretudo pela maneira de agir com o ambiente. Desmatamentos, poluição e maus tratos com os animais são algumas das ações praticadas, desenvolvendo um ambiente topofóbico e apocalíptico, culminando na ideia de ambiente bucólico como é apresentado por Garrard (2006). A natureza, então, não castiga, mas devolve aquilo que é ofertado pelas pessoas egoístas e que não pensam no ambiente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *O Quinze*, à luz da Ecocrítica e da Geografia Humanística, permite compreender a literatura como instrumento de denúncia ambiental. A seca de 1915, mais do que um evento climático extremo, revela-se resultado de uma construção social atravessada pela desigualdade. Na narrativa de Rachel de Queiroz, a natureza não é mero pano de fundo: torna- se agente sensível às ações humanas e às estruturas de poder.

Aqui observamos que o sertão é representado como espaço simbólico e político. A seca, portanto, é também um sintoma das relações socioeconômicas injustas que expulsam os vulneráveis, os retirantes, enquanto protegem os privilegiados. Conceitos como topofilia e topofobia se manifestam em personagens como Vicente e Chico Bento, revelando distintas formas de pertencimento à terra: como abrigo ou espaço de expulsão.

A narrativa alterna entre os tropos da pastoral e do apocalipse, ao mostrar um ambiente bucólico com a chegada da chuva, e um lugar caótico com a seca. Nesse sentido, a obra assume um lugar ecocrítico ao dar voz ao sertão e denunciar os impactos das ações humanas sobre o ambiente. Portanto, desenvolver essas abordagens críticas sobre a natureza no texto literário amplia nossa visão de mundo e fortalece nossa responsabilidade com o futuro do planeta, despertando uma consciência ambiental. A literatura, por meio da linguagem poética, ao refletir criticamente sobre as relações entre homem e natureza, reafirma sua possibilidade de provocar no leitor uma consciência de responsabilidade ecológica e também social.



REFERÊNCIAS

CARSON, Rachel. Primavera silenciosa. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Gaia, 2010.

DUTRA, Lidiane Silva et al. Uso de agrotóxicos e mortalidade por câncer em regiões de monoculturas. SAÚDE DEBATE. Rio de Janeiro, v. 44, n. 127, p. 1018-1035, Out-Dez 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/FfpPSnKCkxrdqPd8ptnfWsJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GARRARD, Greg. Ecocrítica. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

GIFFORD, Terry. A ecocrítica na mira da crítica atual. Terceira Margem, Rio de Janeiro, n. 20, p. 244-226, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11049/8065>. Acesso em: 14 junho 2025.

LOPES, Carla Vanessa Alves e ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática. SAÚDE DEBATE. Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, p. 518-534, Abr-Jun 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bGBYRZvVVKMrV4yzqfwwKtP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LIMA, Maik Lenno Henrique. A Patrimonialização do Campo de Concentração do Patu no Sertão Cearense. In. MARCHI, Darlan de Mamann e CASTRO, Jaime Alberto Bornacelly (Orgs.). Coordenação: Maria Letícia Mazzucchi Ferreira. Memórias em Tempos Difíceis. [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casaletras; Pelotas: PPGMP/UFPel, 2022. p. 156-182. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nemplus/files/2022/03/Memorias-em-tempos-dificeis.pdf>. Acesso em: 19 jun 2025.

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 123. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024.

SARMENTO, M. A. P. e MOURA, L. B. Topofobia e Topofilia em O Quinze: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo. Geografia (Londrina) v. 31. n. 1. pp. 75 - 94, janeiro/2022.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

